

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Simone Gomes da Silva

**A Natureza como ELO no coMtato intergeracional: uma alternativa de
educação para sustentabilidade**

MATINHOS

2022

Simone Gomes da Silva

**A Natureza como ELO no coMtato intergeracional: uma alternativa de
educação para sustentabilidade**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pós-
graduação em Alternativas para
uma Nova Educação, Setor Litoral
da Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial à obtenção
do título de Especialista em
Educação.**

**Orientadora: Profa. Dra. Gabriela
Schenato Bica**

Matinhos

2022

RESUMO

A experiência apresentada teve como objetivo a mobilização de encontros intergeracionais fomentando a compreensão de que a escola é um ambiente formativo, mesmo para aquele/a que não está em idade escolar e, deste modo, construir relações de aprendizagem no “CoMtato” com sujeitos/as de outras gerações. A sustentabilidade e imbricamento com a natureza tornaram-se eixos norteadores das experiências. Foram realizadas atividades como: aula de campo no Parque Lago Azul, atividade de caminhada com as famílias no entorno da escola e participação na Festa Junina no Departamento de Educação Física com o Grupo Sem Fronteiras da UFPR e implementação de um projeto de contra turno na escola, denominado “Práticas corporais de aventura/natureza na escola: uma formação intergeracional”. Todas as atividades, foram realizadas com crianças, adultos e idosos; e trouxeram experiências muito positivas para todos. Destaca-se o engajamento das crianças nas produções artísticas e textuais, especialmente após as vivências. Além das vivências foi possível envolver famílias em propostas educativas do cotidiano escolar. Este projeto tem transformado nossa docência e o ambiente escolar do qual fazemos parte, uma vez que há um movimento de contracultura no qual buscamos ocupar ambientes extraescolares e aproximar e/ou inserir a comunidade extraescolar para dentro dos muros da instituição educativa.

Palavras-chave: intergeracional; educação; escola; natureza.

Memorial ANE3 – Simone Gomes da Silva

Essa caminhada teve início quando fui apresentada a ANE por minha amiga e parceira nesse projeto, Michaela Camargo, a Mica. Confesso que no início não me vi empolgada em iniciar uma nova especialização, pois vivíamos um momento singular, de reclusão e de afastamento social devido à pandemia de COVID-19. Lembro-me de estar de férias na praia (um dos meus ambientes favoritos) quando esse convite surgiu. Após algumas conversas percebi a riqueza da proposta e a sintonia de ideias com relação a uma educação transformadora, então resolvi realizar a inscrição para o processo seletivo.

Logo nos primeiros encontros online, foi possível perceber o acolhimento, o respeito e o carinho por parte de toda a equipe. A escuta e a coletividade se fizeram presentes desde o início, o que foi muito importante nesse processo, em pouco tempo já me sentia parte do grupo. A sensibilização por meio de músicas, vídeos e relatos sempre me emocionava e esses momentos ficarão guardados com muito carinho. Lembro-me do segundo encontro, onde ainda não nos conhecíamos e a proposta era realizar um sarau. Nosso grupo criou o “Rap da Educação”. Foi muito especial poder transformar nossas ideias em música e compartilhar com o grupo, além disso, esse foi um momento importante de interação, troca e de poder conhecer os talentos artísticos de cada colega do grupo.

No sexto encontro, vivenciamos o “Ser, estar, aqui e agora”. Nesse dia nosso grupo teceu “Nossa colcha de retalhos” com relatos pessoais emocionantes compartilhando situações como: Como sou? Como estou? Como respiro? O que tem “metabolizado oxigênio” para mim. Foi lindo compartilhar nossos sentimentos, angústias e sonhos.

Durante todo esse tempo de formação, tivemos a oportunidade de participar de encontros ricos e marcantes, onde foi possível interagir com grandes educadores como Helena Singer, José Pacheco, Terezinha Azerêdo Rios, Celso Vasconcelos, José Moran dentre outros. Alguns deles eu havia conhecido por meio de textos na faculdade e jamais poderia imaginar que estariam ali tão próximos e atuantes. Todos esses encontros foram nutridos por muita sensibilidade, conexão, aprendizado colaborativo, formação humana, inclusão e diálogos valiosos. Foi incrível poder debater temas tão atuais e

significativos juntamente com pessoas que buscam alternativas para uma nova educação democrática, emancipatória e humanizadora.

Nas salas compartilhadas cada encontro era uma nova surpresa, não sabíamos com quem iríamos interagir, mas geralmente nos empolgávamos nos debates. A cada temática proposta, íamos aprofundando nossos conhecimentos e compartilhando experiências. Assim, quando nos dávamos conta o tempo já havia passado e sempre queríamos mais uns minutinhos continuar a prosa. Foram muitas experiências, debates, trocas, aprendizados, relatos pessoais que acabaram nos aproximando e nos dando forças para continuar a formação apesar de toda e qualquer dificuldade que tenha aparecido durante esse percurso.

Em meio a tudo isso, havia uma certa ansiedade em construir nosso projeto e colocá-lo em prática. Iniciamos com a ideia de conciliar a intergeracionalidade com as práticas corporais de aventura, porém com o passar do tempo a ideia foi se aperfeiçoando e se moldando a realidade vivida naquele momento. Foram necessários alguns ajustes devido às condições de afastamento físico na volta às aulas. Assim optamos por abordar a sustentabilidade juntamente com a intergeracionalidade tendo como elo a natureza, propondo vivências diversas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Para isso buscamos aprimorar nossos saberes relacionados à Sustentabilidade, Natureza e Meio Ambiente. Neste contexto buscamos nos inserir ao coletivo EMAAS. Participamos de algumas reuniões e também pudemos apresentar nosso projeto ao grupo. Esse momento foi de grande valia, pois pudemos compartilhar nossas experiências, além de receber sugestões para aprimorar nossas propostas.

Posteriormente surgiu o momento de escolha da mediação institucional, que foi fundamental para que o projeto tomasse forma. Nossa mediadora institucional Gabriela Schenato Bica nos acolheu e nos permitiu compartilhar nossos desafios, inseguranças, sonhos e nossas realizações. E assim, em nossas conversas íamos ajustando uns pontos aqui outros ali e vislumbrando o desenrolar do projeto.

Em seguida, participamos de algumas vivências que foram especialmente importantes para mim. Primeiro o convite da visita à Ilha da Cotinha, onde pudemos conhecer pessoalmente o professor Valdo e alguns colegas da

especialização. Esse encontro foi muito esperado e a sensação de poder estar ali, foi um alento e uma alegria. Poder estar próxima de nossos pares, conhecer de perto outra cultura, sentir-se inserida a todo esse contexto me trouxe uma imensa satisfação. A experiência de ser recebida na Aldeia Guarani Pindoty na Ilha da Cotinga com tanto carinho foi inesquecível. A caminhada até as ruínas da igreja de Nossa Senhora das Mercês, o almoço junto à comunidade indígena, a espontaneidade das crianças, a acolhida das profissionais que atuam na aldeia, os relatos do Cacique Dionísio, as salas temáticas, a apresentação das crianças e toda a pluralidade dessa cultura avivaram sentimentos e aprendizagens significativas e valorosas.

Outro momento marcante foi a participação na 5ª CONANE Caiçara. Pude estar presente apenas no sábado dia 24 de junho, para a Mostra Cultural, onde levei um pouquinho do nosso projeto por meio da exposição de banner e da instalação de monóculos. Nesse dia também pude conhecer pessoalmente nossa mediadora institucional, além de outros colegas e membros da equipe. Foi muito bom abraçar, olhar no olho e perceber a amorosidade de todos os envolvidos. Havia uma energia muito boa no ar, todos estavam muito envolvidos e encantados. Nesse dia foram apresentados projetos lindos, além de falas impactantes como a do Alex Catador, com o tema “Perspectivas da Educação Democrática e Humanizadora para os Movimentos Sociais”. O almoço caiçara na Associação Vila Nova foi excepcional. Tudo foi pensado com muito carinho e toda a comunidade se envolveu para que esse evento acontecesse da melhor maneira. Foi uma lição de acolhimento, coletividade e amorosidade.

Enfim, foram muitas as reflexões nesses encontros, onde o esperar, a escuta e o afeto sempre se fizeram presentes. Só tenho a agradecer a minha amiga e parceira Mica pelo convite, pela amizade e pela parceria de sempre. Sinto-me privilegiada em fazer parte desse grupo de pessoas engajadas com uma Educação transformadora, democrática e humanizadora. Posso dizer que essa especialização nos motiva e nos inspira a construir novos amanhã cheios de esperança, solidariedade e amorosidade. Nas páginas a seguir, apresento o relato construído em parceria com minha parceira Michaela sobre as problematizações e construções realizadas a título de projeto de transformação da educação, que protagonizamos nos nossos espaços de ação pedagógica e que recebeu o título deste trabalho.

A Natureza como ELO no coMtato intergeracional: uma alternativa de educação para sustentabilidade

**Michaela Camargo (Mica)¹
Simone Gomes da Silva²**

A criança e o idoso talvez se reúnam em uma dimensão intemporal do ser, a qual eles pertencem por direito, um por não haver ainda saído dela e o outro por tê-la reencontrado. (Novaes, 1997, p. 55)

A escola, enquanto instituição educativa, traz em seu cerne determinado imaginário social de que a formação humana, neste contexto específico, acontece fundamentada exclusivamente em conteúdos historicamente consolidados nas diferentes áreas do conhecimento. Nesta senda, não raramente, considera-se que a escola é um lugar no qual os/as sujeitos/as devam vivenciar a escolarização com suas especificidades que demarcam a “Cultura Escolar” (FORQUIN, 1993), esta que, dentre outros elementos, estrutura-se, na grande maioria das vezes, por uma organização segmentada, seja por séries, ciclos, módulos, etc., enfim, um modelo que ao considerar a idade ou níveis de aprendizagem, enquanto recorte, acaba por distanciar vidas.

Sobre isso, é possível compreender que há uma característica escolar que vigora socialmente, trata-se do entendimento de que a escola se destina, única ou majoritariamente, a Educação Básica, ou seja, a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Ensino Médio, estendendo-se a demais modalidades como, por exemplo, a Educação de jovens e adultos/as. A este respeito duas

¹ Formada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (2005), com Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico pela Universidade Federal do Paraná (2006), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2015), Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2021), estudante da Especialização Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná e professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, desde 2006.

² Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Integrada Santa Cruz (2012) com Especialização em Psicomotricidade Relacional pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras FACEL (2016), estudante da Especialização Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná, professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Curitiba desde 2013 e professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de São José dos Pinhais desde 2021.

situações carecem de atenção, a primeira delas refere-se à desconsideração dos/as idosos/as, haja vista que este grupo se quer aparece nos documentos norteadores da Educação Básica. A segunda reforça a ideia de distanciamento, antes mencionada, e diz respeito a segregação dos diferentes grupos geracionais, isso significa dizer que há uma escola para as crianças pequenas nas Instituições de Educação Infantil, da mesma forma, uma escola para crianças do Ensino Fundamental I, outra escola para pré-adolescentes e adolescentes do Ensino Fundamental II, há também a escola dos/as adolescentes e dos/as jovens do Ensino Médio, por fim, a escola dos/as jovens e adultos/as com peculiaridades inerentes as exigências desse grupo.

Em muitos contextos essas diferentes instituições localizam-se geograficamente em lugares distintos, em outros, no entanto, numa mesma estrutura física, pode haver diversidade escolar, pois a organização institucional delimita os espaços e tempos a serem utilizados pelos/as estudantes, de forma que ainda quando o prédio seja o mesmo, as relações podem ser ceifadas. Nada obstante, tal circunstância pode ser intensificada quando a “Cultura da Escola” (FORQUIN, 1993) fundamenta-se no medo a partir do entendimento de que o encontro entre idades pode, de alguma maneira, acarretar riscos, sejam eles físicos, pela diferença de tamanho dos/as sujeitos/as, ou de outra linhagem, como exemplo o compartilhar banheiros e demais espaços, bem como conversas consideradas inadequadas.

A partir disso, pode-se dizer que, de certo modo, muitas escolas nutrem a censura no compartilhar das experiências. Contudo, não se pode perder de vistas que antes de ser estudante o/a sujeito/a é:

Um ser humano, aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e agora, portador de desejos movido por esses desejos, em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos; Um ser social, que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto da família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais); Um ser singular, exemplar único da espécie humana que tem uma história, interpreta o mundo, dá sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. (CHARLOT, 2000, p. 33).

Deste modo, enquanto humano, com sua singularidade inacabada e sua constituição social, tecida nas relações que estabelece com os/as outro/as e consigo próprio, ainda, por sua especificidade enquanto um ser “aprendente”

(ASSMANN, 2003), tornar-se importante vislumbrar possibilidades de encarar a escola enquanto um ambiente formativo no qual os encontros sejam valorizados e priorizados, afinal de contas “aprender não pode se reduzir a uma apropriação dos saberes acumulados da humanidade. Aprende-se não só com o cérebro nem só na escola. Aprende-se na vida inteira e por todas as formas de viver” (BOFF *in* ASSMANN, 2003, p.11).

Fundamentada em tais compreensões e com inspiração nos estudos de Martha Nussbaum (2019), nos quais a estudiosa advoga que na Educação as relações podem e devem ser estruturadas a partir das humanidades: “busca do raciocínio crítico, das ideias ousadas, da compreensão empática das diferentes experiências humanas e da compreensão da complexidade do mundo em que vivemos” (NUSSBAUM, 2019, p. 09), a experiência ora apresentada foi construída em um projeto que teve enquanto objetivo principal a mobilização do **encontro intergeracional** fomentando a compreensão de que a escola é um ambiente formativo, mesmo para aquele/a que não está em idade escolar, mas que tem o direito de se apropriar de uma estrutura que é pública e, deste modo, construir relações de aprendizagem no “CoMtato”³ (CAMARGO, 2015) com sujeitos/as de outras gerações. Para tanto, a sustentabilidade e imbricamento com a natureza tornaram-se eixos norteadores dos encontros e propostas educativas construídas.

Por se tratar de uma experiência, indubitavelmente, há situações e episódios memoráveis, que nos atravessam e inscrevem em nós, a partir de tessituras corporais, marcas indeléveis. De maneira igual, refere-se a uma construção coletiva, permeada das relações instituídas nos encontros da Especialização Alternativas para uma Nova Educação (ANE3), do Coletivo Educação Meio Ambiente Agroecologia Sustentabilidade (EMAAS), nos textos estudados e, prioritariamente, na confluência de vidas e gerações da comunidade escolar. Neste segmento, compreendemos, a partir de Walter Benjamin, que a experiência nunca é singular, uma vez que ela é comunicável e para que possa ser narrada implica interlocutores/as, pois dessa forma poderá

³ “A opção de escrita da letra M em maiúsculo é proposital, no sentido de construir um termo que consiga unir a aproximação e o cuidado, valorizando os encontros e defendendo que as relações sejam permeadas de aprendizagens por meio de sentidos e significados” (CAMARGO, 2015, p. 12).

ter sequência, ou seja, mobiliza a continuidade. Portanto, corroboramos o entendimento de que

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1985, p. 204).

Tal entendimento nos orienta a escolha por compartilhar o vivido de uma maneira mais narrada - entendida enquanto “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1985, p. 205) - e menos enraizada aos moldes acadêmicos, não que as conversas e autores/as não estejam conosco, até porque nos constituímos deles/as, pelo contrário, se farão presentes no interstício do amontoado de palavras, frases e parágrafos que compõe esta escrita. Afinal de contas,

Uma linguagem límpida, livre de qualquer ranço de erudição, embora densa de informação exata e original. O leitor sente-se atraído, encantado, preso a um texto em que a dissertação se converte subitamente em história, e a história em dissertação, com a constante conexão do momento teórico com a ilustração narrativa. A teorização é enxuta, precisa, aguda e a narrativa nela implicada, ágil, clara, sugestiva. (DI GIORGI, [1984] 2009, p. 163).

As narradoras: quem somos nós?

Michaela Camargo – Mica: fui registrada como Michaela Camargo e a escolha por meu nome, de acordo com minha família, foi para combinar com os nomes dos meus irmãos Michael Camargo; Michel Camargo e da minha irmã Michelle Camargo. Bem, sou a caçula e este lugar, certamente, é edificado por um imaginário de maiores privilégios no núcleo familiar, algo que nunca concordei. Minhas memórias mais marcantes são aquelas vividas nas brincadeiras de rua e, principalmente, nas instituições educativas, deste lugar trago memórias afetivas de relações que foram e são fundamentais para minha vida, dentre elas minha identidade construída, pois foi na escola que me entendi enquanto Mica. Um apelido que paulatinamente se fez nome e tanto nos ambientes acadêmicos quanto nos profissionais sou conhecida como prof. Mica.

A mesma escola que mobilizou incontáveis encantamentos foi cenário de uma vida de desconforto, talvez de sofrimentos. Minha relação com a Educação Física escolar sempre foi muito conflitante, pois meu repertório corporal não correspondia a organização das aulas, estas que privilegiavam competições e valorizavam o sucesso nas habilidades corporais. Meu desassossego, com a forma com a qual a Educação Física escolar desconsiderava a multiplicidade humana e os tempos de aprendizagem, mobilizou o interesse e desejo por ser professora de Educação Física e há 21 anos tenho me dedicado à esta escolha de vida. Passei pela graduação, pela pós-graduação e estou na escola pública, exercendo a docência, há 16 anos.

Os espaços nos quais venho construindo minha formação me ensinaram sobre Encantamento e também sobre aspereza nas relações, por este motivo tenho investido na busca por lugares nos quais as humanidades são privilegiadas e que me permitam construir uma professora que consiga contribuir verdadeiramente na vida das minhas crianças para que tenham uma infância rica em aprendizagens e experiências que as possibilitem interagir e agir no mundo, com autonomia e autoria em suas relações.

Na ANE3 os meus anseios têm sido contemplados, pois o respeito, o acolhimento e valorização humana repercutem em todas as interações, por isso, posso dizer que neste lugar ressignifiquei meu olhar sobre a instituição de formação superior e desse modo tenho conseguido, com dificuldades, me despir de uma roupa que fui obrigada a usar, mas que a mim não cabia. Afinal de contas compreendo que mais do que produzir e publicar textos são as ações cotidianas que repercutem com maior potência na dinâmica escolar. Logo, me debruçar em Alternativas para uma Nova Educação passou a ser meu foco nas relações escolares, ainda que não consiga, de imediato, mobilizar a transformação da estrutura, tenho investido na possibilidade de desconstrução da cultura escolar – pernicioso- da instituição na qual atuo, me dedicando a projetos educativos que afetem e atravessem a comunidade escolar e, de modo similar, com olhares atentos para toda e qualquer forma de constrangimentos instituídos, assinalando o humano direito da vida escolar com respeito.

Simone Gomes da Silva: tive uma infância tranquila, cresci com meus primos e com minha irmã mais nova. Neste caso, ser a primogênita ocasionou-

me uma maior independência, responsabilidade, cuidado, perseverança, dentre outras virtudes.

Brincávamos na rua, subíamos nas árvores, fazíamos comidinhas com terra e nas férias sempre viajávamos para a praia, inclusive até hoje essa é uma de minhas paixões. Na escola era aquela criança mais quieta e reservada, que dava conta dos conteúdos propostos e que não chamava muito a atenção dos professores. Tinha poucos amigos, porém eram amizades muito especiais. Tenho vagas lembranças da Pré-escola, porém lembro-me de um desfile cívico ao qual eu não estava nada feliz em ter que participar. Desde pequena já não apreciava exposições ao público. Nos anos seguintes fui me envolvendo com os esportes na escola, pois apresentava facilidade e desenvoltura nas aulas de Educação Física e assim logo iniciei as participações nas competições de voleibol da escola. Foi uma fase boa, que guardo com muito carinho.

Minha adolescência durou pouco tempo, aos dezesseis anos descobri que estava grávida e assim minha realidade mudou do dia para a noite. Nesse momento alguns sonhos foram deixados de lado e todas aquelas características adquiridas na infância foram muito úteis para essa nova etapa. Acabei me tornando uma mulher forte, responsável e de certa forma mais independente, embora reconheça todo o auxílio que tive de minha mãe até seus últimos dias.

A docência surgiu em minha vida apenas mais tarde, após passar por outras profissões, por incentivo de uma colega. Iniciei a graduação e assim a vontade de vivenciar novas situações de aprendizado só crescia, então dei início à primeira pós-graduação, que foi para mim um desafio, devido a meu contexto familiar na época. E agora a convite de outra amiga muito especial, que por sinal é minha parceira neste projeto, faço parte da especialização ANE 3, um espaço acolhedor e humano que me possibilitou grandes aprendizados e ricas interações.

Venho atuando como docente há 12 anos e esta caminhada me proporcionou experiências incríveis e reflexões a respeito do poder de transformação que a Educação exerce em nossas vidas. Neste contexto, destaco a importância de integrar a comunidade à escola, de considerar a multiplicidade de sujeitos, de propiciarmos uma aprendizagem significativa e de dar espaço para o protagonismo dos estudantes, considerando-os como sujeitos interativos e ativos no seu processo de construção de conhecimento.

O interesse e ingresso na ANE 3

Nós, narradoras, nos conhecemos em uma escola pública no ano de 2014 e desde os primeiros contatos percebemos determinada sintonia na forma de compreender a educação e na organização de propostas formativas que priorizassem a vida e alegria nos encontros. Embora com formações distintas, conseguimos, por diversas vezes, realizar proposições coletivas, pois verificamos a possibilidade de interdisciplinaridade no contexto escolar, ainda quando a rotina na instituição educativa não contribua ou não seja auspiciosa para isso. Dentre nossas empreitadas, em 2019, desenvolvemos um projeto com Jogos e Brincadeiras tradicionais com uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental I, um conteúdo escolar que nos permitiu mobilizar aprendizagens sobre as características dos jogos e as repercussões culturais dos mesmos, mas também sobre o entendimento de gerações e os tempos de vida.

Neste projeto tomamos consciência do quão significativo é o investimento na mobilização do encontro Intergeracional, uma vez que, embora a relação entre pares seja fundamental para edificação das culturas da infância, é no encontro com outras gerações que as crianças recrutam elementos para enriquecer a compreensão da vida e das relações com o mundo. Ademais, não se pode perder de vistas que neste encontro as crianças são também fundamentais para que outros grupos sociais compreendam o universo infantil e quiçá consigam empreender as possibilidades de aprender com as crianças, com a forma com que elas enxergam as situações e o modo com o qual tecem suas interações.

Atravessadas pelas experiências produzidas no projeto, com as crianças e suas famílias que investiram na produção de saberes de forma coletiva, vislumbramos a possibilidade de ampliar nossas investidas e então intentar a planos maiores, ou, pelo menos, mais ousados. Isto é, transbordarmos a sala de aula e alcançarmos o coletivo escolar, entendendo que este coletivo se faz também com as famílias dos/as estudantes e demais moradores/as da comunidade local, afinal de contas a educação é uma responsabilidade comunitária, ou seja, com unidade. Nada obstante, sentíamos a necessidade de nos conectarmos com sujeitos/as e/ou instituições que também estivessem com

tais horizontes, haja vista que, não raramente, na maioria das instituições educativas a rotina burocrática acaba por foçar alternativas que não sigam os padrões tradicionais historicamente instituídos na Cultura Escolar.

Para nossa alegria recebemos o edital da ANE3 por intermédio de uma amiga e, mesmo diante o caos e inseguranças pandêmicas, nos permitimos investir em nós, pois sabíamos que não se tratava de uma capacitação, mas de uma formação que nos permitiria compreender a docência a partir das humanidades.

Projetos iniciais

Para participarmos da seleção, visando o ingresso na ANE 3, delineamos planos com particularidades distintas, mas que se convergiam. Um dos pré-projetos, denominado “Práticas corporais de aventura na escola: uma formAção intergeracional”, que tinha como escopo a mobilização do encontro de gerações a partir das práticas corporais de aventura, realizadas na natureza. O outro projeto, intitulado “Cidadania ativa: entrelaçando gerações e compartilhando vivências”, cujo mote voltava-se a sabedoria sobre a riqueza natural discutida e compreendida a partir de estratégias formativas que envolvessem idosos/as e crianças.

De início, cada projeto seria desenvolvido em duas instituições educativas próximas, uma vez que nós, docentes, estávamos em escolas diferentes. Nada obstante, com o passar do tempo e alguns reajustes institucionais, acabamos nos reencontrando na mesma instituição, o que facilitou demasiadamente nosso investimento, haja vista que o retorno presencial tem acarretado situações não antes vividas, decorrentes da Pandemia COVID-19. Situações estas que, em 2021, nos trouxeram enfrentamentos, afinal de contas a exigência de afastamento físico e demais cuidados fizeram com que a necessidade da presença de outros grupos geracionais, na instituição escolar, fosse questionada e, na verdade, quase que impedida. Outrossim, as saídas com as crianças também foram problematizadas, pois, embora parte da sociedade tenha pressionado para o retorno do ensino presencial, havia exigência de cuidados, pressão e responsividade implicada.

Neste início ficamos perdidas sem compreender exatamente como articular os objetivos dos projetos e, pelas particularidades pretendidas, sem conseguirmos nos encontrarmos na diversidade de coletivos da ANE3. Nada obstante, em agosto de 2021, numa reunião *online* com Professor Valdo José Cavallet, foi possível identificar que o coletivo EMAAS seria um lugar frutífero para nossos intentos, afinal de contas a natureza era o ELO articulador de ambos projetos e a intergeracionalidade poderia potencializar a sensibilização quanto a sustentabilidade, além de ser um dos campos das alternativas educacionais.

Unificação do projeto e imersão no coletivo EMAAS

As reuniões do coletivo EMAAS aconteciam na última sexta-feira de cada mês e nossa imersão foi bastante tímida, tendo em vista a distância de nossa formação inicial e também da atuação docente quando relacionada aos/as colegas do grupo. Contudo, sempre percebíamos o movimento do coletivo numa perspectiva inclusiva e de muita escuta, erámos convidadas a falar e compartilhar nossos entendimentos sobre cada discussão, em todos os encontros.

No decorrer do processo instituiu-se que cada participante poderia apresentar o projeto e os encaminhamentos já construídos com alternativas para uma nova educação, pois, neste compartilhar, o grupo contribuiria com sugestões para aprimoramento das propostas. No nosso caso, éramos uma dupla e então 29 de outubro de 2021 realizamos a apresentação para o grupo e, para isso, recorremos ao Estado da Arte que havíamos produzido. Ademais convidamos o grupo para uma reunião aberta, com possíveis parceiros/as para o projeto no qual estávamos implicadas.

A reunião aberta aconteceu no dia 19 de novembro às 17h30, juntamente com o coletivo EMAAS, estavam presentes convidados/as do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), dentre eles/as a Professora Doutora Rosecler Vendrusculo, idealizadora do “Projeto Sem Fronteiras: Atividades Corporais para Adultos Maduros e Idosos”, além de dois acadêmicos do curso, estes que são especialistas em práticas corporais de aventura e idealizadores do “Projeto Aventure-se”: Alberto Heitor Molinari e Everson

Rogério da Silva. Também tivemos representantes da unidade educativa na qual trabalhamos.

Nesta reunião o foco principal foi sobre as possibilidades de proporcionar o encontro intergeracional a partir das práticas corporais de aventura nos espaços da UFPR, inclusive da Fazenda Canguiri, e também na escola. Contudo, discutimos a dificuldade enfrentada quanto a disponibilidade de transporte, haja vista que os ônibus da universidade só podem ser utilizados por servidores/as e acadêmicos/as. Outrossim, refletimos sobre as exigências requeridas nas práticas corporais de aventura considerando a velhice e infância. Por fim, consideramos o encontro bastante profícuo, pois contribuímos com o encontro de sujeitos/as de instituições distintas e em tempo de formação diferentes, deste modo o movimento alternativo ganhava vida. Entretanto, tudo ainda permanecia no mundo das ideias, na elucubração, sem uma organização específica quanto aos passos a seguir.

O convite para mediação institucional: uma nova caminhada

No encontro da ANE3 realizado no dia 06 de novembro de 2021 fomos mobilizadas a identificar, dentre o coletivo da equipe, colegas que pudessem compor o comitê institucional, sendo que um/a deles/as seria nosso/a mediador/a, isto é, aquela companhia mais íntima com a qual pudéssemos compartilhar os planos, desassossegos, inquietudes e encantamentos, para que coletivamente traçássemos percursos nos quais nossas passadas reverberassem na materialização de tudo o que foi apreendido e construído no decorrer da nossa formação nessa especialização.

Como cada integrante da equipe tinha um número determinado de trabalhos para mediar ou para compor o comitê, podemos dizer que encontramos determinado desafio no envio de nossos convites, haja vista que éramos duas e diante uma logística na qual todos/as os integrantes da ANE3 estavam no movimento da conquista de um comitê institucional, portanto, houve uma delonga para firmarmos com nosso trio da equipe. No entanto, para nossa alegria, nossos convites foram aceitos e Gabriela Schenato Bica conseguiu organizar suas demandas e nos acolheu, se tornando nossa Mediadora Institucional. De modo igual, Sônia Goulart e Susan Raittz-Cavallet,

concordaram em compor o comitê responsável por nosso projeto. Assim sendo, cinco mulheres engajaram-se numa jornada que envolvia sonhos, compromissos e investimento pessoal para com a escola pública, vislumbrando uma educação que possibilite e permita que as aprendizagens e experiências humanas sejam edificadas no encontro intergeracional.

Como não há uma linearidade nos projetos em processos educativos, enquanto organizávamos os convites e recebíamos os aceites já havíamos nos programado para reunião aberta quando nosso comitê se completou, por isso neste evento contamos com a presença de nossa Mediadora Institucional, a Bica. Vale destacar que Bica já fazia parte do coletivo EMAAS e pela convivência, ainda que virtual, identificamos a possibilidade de uma parceria fértil para encaminhamentos do projeto que pretendíamos desenvolver na escola.

Após a reunião aberta passamos por um período de estagnação, afinal de contas tivemos a oportunidade de ouvir as ponderações dos acadêmicos quanto as Práticas Corporais de Aventura/Natureza, isto é, as circunstâncias limitantes de se desenvolver um projeto em locais abertos e com práticas corporais que implicam o risco reunindo gerações distintas sem que conhecêssemos os/as participantes. Por outro lado, professora Rosecler trouxe contribuições acerca da velhice e sua experiência de mais de 20 anos em um projeto de atividade física para idosos/as. Por fim, algo que nos desestabilizou bastante foram as considerações do professor Valdo, uma vez que sinalizou o quanto estávamos, especialmente a Mica, enraizadas em preocupações acadêmicas, desde a justificativa da proposta, até os objetivos e cronograma para o projeto.

Diante tudo o que foi discutido e com o entendimento de que as exigências requeriam tempo e esforços para organizar o quanto antes na escola, o que implica dada burocracia, afinal os projetos precisam ser aprovados pelo Núcleo Regional de Educação, passamos a nos desassossegarmos com a tomada de consciência de que muito provavelmente não daríamos conta de mobilizar a unidade escolar para organizar tempos e espaços nos quais crianças e idosos/as pudessem vivenciar práticas corporais de aventura/natureza ali na instituição para que posteriormente pudessem vivenciar tais práticas em outros ambientes educativos, tais como os parques da região e a fazenda Canguiri da UFPR.

Tomadas por tal inquietude agendamos uma reunião com Bica, afinal havia grande preocupação quanto darmos conta do projeto, não apenas por ser

uma exigência da especialização, mas especialmente por nossa responsabilidade e compromisso social por ocuparmos duas vagas em uma formação pública.

Podemos dizer que a reunião bastante elucidativa, pois após escutar calmamente cada uma de nós, Bica nos ajudou a entender que o projeto já estava acontecendo, com os movimentos que estávamos realizando no coletivo EMAAS e também com o modo com o qual estávamos nos debruçando a ele. Ademais, nos permitiu enxergar que o produto do projeto não precisaria necessariamente ser a imersão na Fazenda Canguiri da UFPR, afinal a questão do transporte é muito significativa, principalmente quando há necessidade de afastamento do município.

Outrossim, problematizou que talvez nem precisássemos sair da escola ou organizar uma prática corporal sistematizada com dias e horários fixos nos quais os/as idosos/as precisassem estar na instituição para se relacionarem com as crianças. Antes disso, poderíamos observar em nosso cotidiano as possibilidades de convidar e inserir a comunidade para participar da vida escolar das crianças e que esse encontro não fosse apenas focado nas extremidades geracionais – crianças e idosos/as – mas que os/as adultos/as e a juventude, a depender da estrutura familiar das crianças, pudessem fazer parte desta alternativa de educação, afinal cada tempo de vida tem sua beleza e carrega em si determinada riqueza.

Ao findar nossa reunião, saímos nutridas de energia e planos, especialmente sensibilizadas para observar detalhadamente nosso cotidiano escolar para então enxergamos brechas profícuas para o encontro intergeracional, sem abandonar o escopo da relação com a natureza e potencialidades para uma educação comprometida com a sustentabilidade.

Reprogramando as rotas, apurando os sentidos: novas possibilidades para um sonho coletivamente construído

Com os corações assossegados e sentidos bem apurados nos debruçamos a identificar as potencialidades educativas que nos permitissem mobilizar a construção de experiências nos encontros intergeracionais. De imediato acionamos nossos contatos com as professoras da graduação em

Educação Física da UFPR, pois com as parcerias tecidas em ocasiões anteriores já era sabido que o encontro com jovens e idosos/as seria possível, no entanto um entrave significativo dizia respeito a questão do transporte, por tanto nos meses de abril e maio, embora com muita conversa e planejamento, não conseguimos organizar qualquer ação com estes grupos.

Outra empreitada foi o investimento na inscrição de projetos para concorrermos as aulas de campos realizadas no Programa Linhas do Conhecimento da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, este que, dentre outros objetivos, busca o “fortalecimento da consciência urbana, da sustentabilidade, da identidade cidadã por meio da pertença dos sujeitos aos espaços das cidades, envolvendo professores e estudantes em práticas de exploração e conhecimento de Curitiba, considerando três pilares fundamentais: conhecer, amar e cuidar da cidade” (CURITIBA, 2022). Ainda que nossas intencionalidades não estivessem diretamente ligadas aos propósitos deste Programa, identificamos em seu decurso uma possibilidade para alcançar ambientes nos quais a Natureza fosse potencializadora dos encontros geracionais.

Nada obstante, na escrita dos projetos à serem submetidos ao comitê avaliativo, tomamos consciência de que os transportes só poderiam ser utilizados pelas crianças e profissionais da unidade educativa, deste modo, foi necessário declinarmos da ideia primeira, ou seja, convidar os/as familiares para realizarem a imersão juntamente com as crianças. Contudo, não desistimos completamente do encontro intergeracional mobilizado a partir da experiência na Natureza. Deste modo, ao realizarmos a escrita dos projetos inserimos como objetivo da proposta formativa um evento de socialização das vivências produzidas pelas crianças. Para tanto, definimos a seguinte sequência de produções: registros prévios à imersão na natureza, nos quais as crianças pudessem relatar os saberes sobre o lugar no qual estariam e, caso não conhecessem o local, como imaginavam que seria. A segunda produção contava com os registros fotográficos na imersão e a terceira com os registros por desenho ou escrita sobre as repercussões da imersão para as crianças. Tudo isso para que fosse possível realizar na escola uma exposição sobre a ação, para que assim as famílias pudessem estar na unidade educativa com as

crianças observando, aprendendo e se relacionando com elas e com suas produções.

Vale ressaltar que compreendemos a imersão na natureza enquanto a grande mobilizadora de experiências sensíveis e indelévels, por isso esse motivo explicamos que a intencionalidade com os registros diz respeito a possibilidade do compartilhar e de reunir as gerações. Portanto, não se tratam de tarefas, antes disso, são propostas de sensibilização quanto a imersão e reverberação da mesma.

Diante o exposto, importa destacar que o processo de entendimento do Programa, bem como o delineamento dos projetos submetidos ao mesmo, envolveu tempo e trabalho. Reunindo as propostas de cada uma de nós, docentes, alcançamos um montante de 10 submissões, no entanto apenas uma delas foi contemplada, esta que será descrita na sequência.

Vivência no Parque Lago Azul

Dentre as propostas submetidas ao Programa Linhas do Conhecimento a turma do quinto ano, Ensino Fundamental I, foi contemplada com a aula de campo no Parque Lago Azul, aula esta que aconteceu no dia 6 de abril de 2022. Devido à quantidade de poltronas no ônibus ser superior ao número de estudantes da turma, em conversa com a Equipe Pedagógica Administrativa (EPA), conseguimos com que as crianças da Classe Especial também pudessem participar da vivência, deste modo garantimos um encontro bastante especial, o contato de estudantes que pouco se relacionam na instituição educativa.

Por se tratar de um Programa com objetivos e encaminhamentos pré-estabelecidos nossa intervenção foi inexpressível durante a permanência no parque, uma vez que haviam duas profissionais da Secretaria Municipal da Educação (SME) de Curitiba responsáveis pelas orientações. No entanto, estivemos muito presentes nos momentos dos registros, problematizando situações e mobilizando a expressividade quanto às expectativas pré vivência e sentimentos vividos durante e após a imersão no parque.

Algo que merece ser destacado refere-se ao engajamento das crianças nas produções artísticas e textuais, especialmente após a vivência. Em cada folha de papel os detalhes daquilo que saltou aos olhos e ouvidos no decorrer

das explicações e na exploração local. Cada criança construiu sua experiência de forma única e singular, algumas mais atentas aos nomes das árvores e dos pássaros, outras voltadas para história do parque, algumas para as brincadeiras vividas, especialmente e muitas pelas relações construídas, desde o deslocamento no ônibus até o horário destinado ao lanche. Houve, certamente, entusiasmo pelo encontro fora da instituição educativa, um outro ambiente completamente potente e encorajador de trocas. Além da vivência ser uma forma de aprender bastante distinta da escola, percebemos que a possibilidade de estarem com as famílias na escola também era um *móvil* para o investimento nas produções.

A exposição aconteceu no dia 03 de maio de 2022, na instituição educativa. Nesta situação as crianças do quinto ano e as crianças da classe especial estiveram novamente juntas. Algumas famílias puderam estar presentes, porém não foram todas, algo bastante compreensível já que a exposição aconteceu em um dia de semana às 13h. O encontro de gerações foi promovido, pois mesmo as crianças que não estavam acompanhadas puderam compartilhar momentos com adultos/as e idosos/as das famílias de seus/as colegas. Durante a exposição, os/as presentes acompanham um vídeo com imagens das crianças durante a vivência no parque Lago Azul e também apreciaram as produções artísticas e textuais.

O olhar de encantamento das crianças, ao se reconhecerem na relação com a natureza ou no momento que identificavam suas produções, expressava a significância do vivido. De modo igual, o orgulho expresso no sorriso das famílias ao apreciarem as produções. Ao final, cada família escolheu uma palavra que representasse os sentimentos produzidos neste encontro e, com ajuda das crianças, inscreveram na instalação organizada na porta do laboratório onde foi organizado à exposição. Esta instalação permaneceu neste local por alguns dias e, deste modo, seguiu reverberando em cada sujeito/a escolar que ao se deparar com o exposto se sensibilizava com o que via.

Caminhada e ginástica para todos/as

Entre a vivência no parque Lago Azul e a exposição para famílias, o movimento e investimento na organização de encontros intergeracionais seguiu

conosco e, ainda com os sentidos apurados na identificação de possibilidades, nos deparamos com uma situação bastante interessante na turma do segundo ano do Ensino Fundamental I. Com este grupo de crianças estávamos discutindo sobre o conceito de Ginástica Para Todos/as (GPT), conteúdo previsto no currículo da SME. No decorrer das aulas emergiu a necessidade de tratarmos sobre o entendimento de grupo geracional, para que assim pudéssemos refletir o significado de “todos/as”, implícito na referida modalidade de ginástica. Em meio às elucubrações tecidas pelas crianças, estabeleceu-se a seguinte linha do tempo para representar os tempos de vida: bebê -- criança -- adolescente -- pré-adolescente -- adulto/a -- idoso/a.

A partir da linha do tempo e provocadas a refletirem como aconteceria e se era possível o engajamento destes grupos sociais na GPT, durante as explanações algumas crianças sinalizaram que o grupo dos/as idosos/as não poderiam participar, devido às dificuldades físicas. Todavia, outras crianças defendiam que sim, idosos/as poderiam fazer ginásticas, neste grupo, inclusive, algumas crianças deram exemplos das práticas corporais realizadas pelos/as avós.

Diante o embate de compreensões acordamos com a turma a construção de um evento no qual as famílias seriam convidadas à participarem, especialmente os/as familiares idosos/as. Logicamente que este acordo movimentou a escola, pois foi necessário organizar junto à EPA uma estratégia para possibilitar o encontro intergeracional priorizando a Ginástica, já que foi a mobilizadora das reflexões, mas que também contemplasse a relação com a natureza, o escopo de nossa empreitada. Sendo assim, foi decidido que seria possível contatar a guarda municipal para que fizesse a escolta dos/as participantes e com segurança pudéssemos caminhar pelos arredores da escola com a finalidade de chegar num bosque próximo a unidade educativa e neste lugar, marcado pela natureza, fossem realizadas brincadeiras ginásticas. Para ampliar as potencialidades interativas, convidamos as crianças da Classe Especial para integrarem a proposta, afinal de contas também estavam construindo aprendizagens sobre as diferentes modalidades da Ginástica e além disso a turma estava diretamente envolvida nas ações intergeracionais.

Com todos os encaminhamentos bem definidos e os convites devidamente realizados, no dia 28 de abril de 2022 recebemos algumas famílias

na escola, dentre os/as integrantes tínhamos avós e avôs, mães, tias, pais, primas e inclusive uma gestante. Para iniciarmos as atividades organizamos um alongamento com o intuito de sensibilizar e aproximar os diferentes grupos. Na sequência saímos em caminhada e esse momento foi bem importante para que cada integrante tomasse consciência da individualidade inerente a vida humana, do modo de ser no mundo que está presente inclusive na forma de caminhar, cada um/a com seu tempo e todos/as no exercício empático de respeitar a pressa ou a demora, buscando achar o equilíbrio coletivo.

No bosque a proposta inicial era se conectar com os elementos da natureza, sentir o chão com os pés descalços, ouvir os barulhos naturais, observar as cores das árvores e brincar de encontrar desenhos nas nuvens. No entanto, a escassez de cuidados com este bosque não permitiu que a proposta fosse realizada por completo, uma vez que haviam cacos de vidros e tijolos no chão, além disso o ruído dos carros e da quadra poliesportiva interferiu na conexão com os sons naturais. Contudo, destacamos que, de forma geral, houve o investimento dos grupos geracionais e buscarem a conexão.

Na sequência voltamos nossas energias para as brincadeiras ginásticas e foi muito divertido observar a interação de todo grupo, o quanto as crianças ficavam impactadas quando os/as adultos/as e idosos/as enfrentavam os desafios corporais. O sentimento de entusiasmo mobilizou sorrisos, dicas, olhares, cuidados e muita troca, pois nestas brincadeiras eram as crianças que sabiam das melhores estratégias, por isso, elas se tornaram as responsáveis por ensinar e/ou ajudar quem era mais velho/a. Para finalizar a vivência no bosque dois grupos foram organizados para realizarem o abraço nos pinheiros e na sequência voltamos caminhando para escola e então realizamos coletivamente o lanche. Logicamente houve reverberação da vivência e no decorrer da semana fomos conversando sobre o vivido, aliás o entendimento da inclusão de idosos/as na GPT foi compreendido com maior propriedade pelo grupo.

Festa Junina no Departamento de Educação Física com o Grupo Sem Fronteiras da UFPR

Logo que iniciamos as discussões sobre os encaminhamentos do projeto uma situação marcava todos os encontros, esta que se refere a dificuldade com

o transporte, pois aqueles disponibilizados pela prefeitura não podem ser utilizados pela comunidade extraescolar e os que são da universidade só podem transportar estudantes, professores/as e demais servidores/as. Neste contexto, refletimos que uma proposta auspiciosa poderia ser realizada na universidade, já que há grupos de idosos/as que participam de projetos nesta instituição e de modo igual há jovens e adultos/as envolvidos/as na graduação, em Educação Física, e também nos projetos.

Atentadas nessa possibilidade seguimos pleiteando transporte na escola, contudo a cota, de apenas um ônibus por período, não correspondia a necessidade institucional, deste modo houve um sorteio e a professora do quarto ano A foi contemplada. Sabendo das necessidades implícitas ao nosso projeto e, da mesma maneira, conhecedora da parceria com a universidade, esta professora disponibilizou este transporte para as ações intergeracionais, haja vista que a Mica é professora de Educação Física da turma.

Em um curto espaço de tempo, exatamente um mês, e com algumas reuniões, presenciais e *online*, conseguimos organizar uma proposta com duas professoras da UFPR, Rosecler Vendrúsculo e Vera Luíza Moro, docentes responsáveis por disciplinas no primeiro semestre da graduação em Educação Física, para turmas de Licenciatura e Bacharelado. Nestas reuniões foi ponderado a necessidade de envolvermos os diferentes grupos geracionais em atividades que fizessem sentido para eles, isto é, que não fosse algo distante daquilo que estavam vivenciando nas aulas.

Neste sentido, foi preciso declinar das práticas corporais na natureza e também do foco na sustentabilidade, uma vez que em nenhum dos grupos estas temáticas orientavam as aprendizagens. Contudo, o mote dos encontros intergeracionais permaneceu percorrido. Sendo assim, avaliou-se que a organização de uma festa junina/julina seria bastante profícua, afinal de contas sua repercussão cultural faz parte, ou de alguma maneira é conhecida, por todas as gerações, portanto poderia mobilizar o elo estruturante do encontro.

Vale destacar que o calendário letivo da universidade permanece alterado, decorrente da Pandemia COVID-19, por este motivo, no início de junho, quando recebemos a confirmação do transporte, os/as acadêmicos/as envolvidos/as nesta ação do projeto, estavam ingressando na Educação Física, ou seja, fazendo os primeiros contatos com professoras, colegas e instituição de

ensino superior. Este fato foi bastante desafiador para pensarmos na proposta do encontro. Nada obstante, as professoras Rosecler e Vera conseguiram sensibilizar o grupo a partir dos sentidos construídos sobre a especificidade docente na Educação Física, seja em instituições escolares ou não escolares.

Com duas turmas, que reuniram aproximadamente 72 acadêmicos/as, as docentes organizaram grupos para preparar o evento, dentre eles haviam equipes responsáveis pela decoração; pela composição coreográfica de uma apresentação; por arrecadarem verbas para as prendas; a equipe de segurança e primeiros socorros; equipes responsáveis por brincadeiras tradicionais, tais como: jogo das argolas; pescaria; maquiagem infantil; boca do palhaço; boliche; acerte o rabo no burro. Além dessas brincadeiras, os/as acadêmicos/as propuseram práticas corporais que correspondem as suas experiências sociocorporais e que cativam o interesse, especialmente das crianças, sendo elas o chute a gol e circuito de bicicleta.

Os/as integrantes do “Projeto Sem Fronteiras: Atividades Corporais para Adultos Maduros e Idosos”, cerca de 20 participantes, se responsabilizaram em compor uma apresentação, além de contribuírem com comidas e bebidas.

Na escola houve o engajamento em construir aprendizagens sobre características da festa junina, na desmistificação do imaginário social de que os/as trabalhadores/as do campo usam apenas roupas remendadas ou rasgadas, além da discussão sobre a forma caricaturizada das maquiagens. Ademais, para que este evento fizesse sentido no processo de aprendizagem e não destoasse daquilo que as crianças estavam desenvolvendo, foi elaborada uma composição coreográfica com arcos, aparelho presente na Ginástica Rítmica – conteúdo abordado em aula. Logicamente, foi discutido a descaracterização cultural, bastante presente em alguns contextos, sobre as danças e músicas deste modelo de festa. Neste sentido, toda a movimentação foi pensada a partir do repertório cultural, com rodas, túneis e deslocamentos, no entanto, as crianças utilizaram das aprendizagens da ginástica para contribuírem na composição.

Estas discussões contribuíram para que as crianças pensassem na própria vestimenta e também nos alimentos que poderiam levar para festa. Certamente, a colaboração das famílias dependeu da condição financeira e de tempo para preparo, afinal de contas preparar um alimento, como bolo por

exemplo, não raramente se torna mais oneroso e demanda mais tempo. Dessa maneira, as crianças levaram para festa aquilo que foi possível e viável para suas famílias, todavia, vale destacar o esforço coletivo para assegurarem questões culturais da festa.

A festa aconteceu no dia 5 de julho de 2022, no período da manhã. Ao chegarmos na escola, antes das 8h, algumas crianças já aguardavam no portão, havia um entusiasmo coletivo e determinada movimentação na escola, afinal o quarto ano A estava vestido para festa, com seus pratos em mãos e com bastante ansiedade para apresentação. Apenas uma criança não pode participar, pois a família não autorizou. No ônibus havia aquela euforia, afinal há mais de dois anos não realizavam passeios com a escola, além disso, é uma turma que não conhecia a universidade, mas sabia que outros/as colegas já haviam estado lá e sempre há aquela curiosidade para saber como é a escola da professora Mica e dos/as professores/as que realizam projetos e Prática de Ensino na escola.

No decorrer do percurso as crianças cantaram e no repertório escolhido estava a música da apresentação, Asa Branca de Luiz Gonzaga. Quando chegamos a universidade fomos recepcionados/as pelas professoras Vera e Rosecler, os/as demais convidados/as (organizadores/as) estavam no ginásio. Na entrada do ginásio a equipe de segurança estava preparada com álcool gel – assinalamos que todos/as estávamos com máscaras, pois na universidade é obrigatório o uso. A medida em que as crianças entravam no ginásio puderam sentir a importância da presença, pois foram recebidas com muitos aplausos. Certamente foi um momento de muita emoção, pois o ginásio estava todo preparado, as mesas para colocar os alimentos, as brincadeiras devidamente nominadas e com uma decoração especial, todos/as com vestimenta de festa, o som com músicas típicas, enfim, um evento acolhedor e mobilizador de encantamento.

No cronograma estava definido que iniciáramos com as apresentações e na sequência alimentação e brincadeiras, no entanto, crianças e idosos/as subverteram a ordem, pois sem que fizéssemos qualquer esforço para o CoMtato (CAMARGO, 2015) foram se aproximando das brincadeiras e com o apoio e incentivo dos/as acadêmicos/as começaram a brincar. Após esse primeiro momento, organizamos o espaço para as apresentações, as crianças iniciaram

e a lindeza do momento foi o empoderamento sentido diante aos aplausos, gritos e comentários quando as crianças realizavam os movimentos da ginástica, cada qual explorando suas habilidades à sua maneira. Na sequência os/as integrantes do Projeto sem Fronteiras encantaram com a quadrilha e por fim alguns/mas acadêmicos/as fecharam as apresentações com uma mistura de ritmos e movimentação.

Após as apresentações todos/as foram festejar como queriam, de imediato as mesas com as comidas e bebidas foram o foco das atenções, um momento de observar as escolhas geracionais, as preferências por doces industrializados ou por pratos preparados em casa. Em torno das mesas crianças, jovens, adultos/as e idosos/as tecendo suas escolhas, auxiliando uns aos/as outros/as a se servirem, alguns comentários, conversas, trocas de olhares e sorrisos, uma comunidade de vidas em um espaço de celebrar os encontros. Dali por diante, alguns elos estabelecidos e explorados nas brincadeiras e inteirações.

O pessoal do Projeto Sem Fronteiras precisou sair antes do encerramento da festa, nada obstante, fizeram questão de agradecer pela oportunidade da experiência vivida, uma das integrantes pediu a palavra e agradeceu imensamente pela festa, elogiou o empenho dos/as universitários/as e a afetividade das crianças. Essa primeira despedida também foi um momento único, pois com os braços estendidos corpos se uniam, as diferenças etárias ou corporais se fundiam e reverberava o entendimento do quão significativo é o encontro de vidas, de tempos e gerações distintas.

Próximo ao horário de retornarmos para escola, outro momento de despedida, as crianças se organizaram em roda no centro do ginásio e ali foram se aproximando adultos/as e jovens que estavam na festa. Uma das crianças fez os agradecimentos, representando a turma e, do mesmo modo, alguns/as universitários/as falaram sobre a gratidão pelo evento. Nós docentes, da universidade e da escola, não precisamos fazer ou falar nada, pois gerações mais novas que nós souberam, lindamente, mobilizar emoções com as escolhas de suas palavras. Retornamos para a escola, cada um/a com uma sacola repleta de prendas, presentes de uma presença fundamental na formação humana.

Parkour e brincadeiras na Praça Afonso Botelho com acadêmicos/as da Educação Física UFPR

O investimento nos encontros intergeracionais mobilizaram a escrita e implementação de um projeto de contra turno na escola, este que é nominado da seguinte forma: “PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA/NATUREZA NA ESCOLA: UMA FORMAÇÃO⁴ INTERGERACIONAL”. De início a intencionalidade já era convidar familiares para ingressarem na proposta, contudo até o momento esta estratégia não foi efetivada por decorrência de orientações do Núcleo Regional de Educação da regional Bairro Novo (NREBN). Diante disso, para que foi possível iniciar as ações, as crianças do quinto ano da manhã foram convidadas à participarem no período da tarde, ao total 15 famílias acolheram a proposta e efetivaram a inscrição do/as estudantes.

Por se tratar de um projeto idealizado pela Mica, mas realizado em parceria com o Programa de Educação Tutorial (PET) Educação Física UFPR, vimos a oportunidade de integrar estudantes da Classe Especial, afinal de contas nas terças-feiras, horário destinado ao projeto, contamos com três bolsistas do referido Programa e desta maneira havia possibilidade e seria interessante ampliar o grupo, especialmente pelas realidades de vidas distintas, tanto dentro do ambiente escolar como fora dele. Neste sentido, o projeto passou a ser realizado com 28 crianças com variação de idades, três jovens acadêmicos/as e duas professoras⁵, o que privilegia o encontro intergeracional, ainda quando não se faz presente a relação com a comunidade externa.

Desde meados de março de 2022 até início de julho os encontros aconteceram na escola, cuja temática norteadora versava sobre a especificidade do Parkour, uma prática corporal de aventura que está descrita na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) enquanto uma prática urbana, mas que é entendida, por nós, a partir não fragmentação e distanciamento natureza e cidade. Diante ao envolvimento e interesse das crianças houve um movimento bastante importante para que fosse possível promover a vivência desta prática corporal

⁴ Escrita de forma intencional para dimensionar a exigência de Ação na aproximação das gerações.

⁵ A professora regente da Classe Especial também faz parte do projeto e acompanha as atividades construídas no grupo, juntamente com a professora Mica.

em uma praça da cidade, primando pelo entendimento de que se faz necessário a apropriação dos espaços públicos. Neste segmento, torna-se fundamental destacar o engajamento da pedagoga do período da manhã, esta que mesmo em turno contrário está sempre disposta a contribuir nas propostas educativas e por isso contatou o NREBN e conseguiu transporte para que a aula de campo efetivamente acontecesse.

Com transporte garantido nos dedicamos a investigar o melhor lugar para que a vivência fosse realizada, em conversa com um dos tutores do PET Educação Física UFPR empreendemos que a Praça Afonso Botelho poderia ser um espaço profícuo, devido sua estrutura física que potencializa as práticas de parkour e também reverbera o ambiente natural. Além da escolha por esta praça houve a decisão de ampliar a proposta e em parceria com as professoras Rosecler e Vera, mobilizamos cerca de 50 acadêmicos/as do turno da tarde, turmas de primeiros anos da Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, para se juntarem a proposta e assim, no encontro com as crianças, compreenderem especificidades da área. Para tanto, as referidas docentes organizaram em suas turmas pequenos grupos que se responsabilizaram por elaborar brincadeiras a serem realizadas na praça. Desta maneira o planejamento foi o seguinte: primeiro momento atividades de parkour, na sequência lanche coletivo e, por fim, brincadeiras. Tal organização fez com que, ainda nos primeiros dias na universidade, os/as acadêmicos/as se envolvessem em formas de planejar e orientar práticas corporais.

Com todos os encaminhamentos devidamente organizados, no dia 5 de julho de 2022, uma terça-feira à tarde, saímos da escola com as crianças do projeto e ao chegarmos na praça observamos um grande grupo que nos aguardava com tudo organizado, tornando a praça uma escola de veras alternativa e bastante humanizada.

Para as crianças tudo era muito novo, afinal a maioria não conhecia o espaço e para todas os/as acadêmicos/as e professoras/es da universidade eram desconhecidos/as, com exceção dos/as bolsistas do PET, já que estão conosco na escola. Se num primeiro momento houve determinado receio, vergonha, falta de jeito ou timidez na aproximação, logo que os grupos foram apresentados e organizados para vivenciarem o parkour relações de coMtato (CAMARGO, 2015) foram tecidas. No decorrer do circuito foi possível observar

a gentileza no apoio às crianças, o cuidado na gestão do risco, o investimento em saber o nome de cada uma delas e, especialmente, atitudes inclusivas, privilegiando o engajamento de todas. Neste quesito, torna-se possível afirmar que as crianças mobilizaram a ação docente dos/as acadêmicos/as. Além disso, com referência especificamente sobre o parkour, a maioria dos jovens pôde aprender algo com as crianças, uma vez que elas, por estarem no projeto, tinham maior experiência nesta prática corporal. Desse modo, o encontro geracional reafirma o entendimento de que não é a idade cronológica que define quem sabe mais ou menos, mas são as experiências de vida que reverberam com maior potência os saberes.

O momento do lanche também se fez singular neste encontro, pois as crianças dividiam entre si aquilo que haviam levado e ofereciam para todos/as que estavam presentes. Em reunião, posterior ao evento, os/as acadêmicos/as relataram o quanto foi importante observar aquela partilha e a maneira como coletivamente as crianças se alimentavam. Ademais, assinalamos o cuidado do grupo em preparar um pacote de doces para as crianças, enquanto um ritual de gratidão pela oportunidade do encontro.

O final da vivência foi marcado pelo protagonismo dos/as participantes, pois os/as acadêmicos/as puderam orientar as brincadeiras que haviam planejado e assim mediaram saberes e relações, entre as crianças, entre ele/as e entre todos/as. Ao nos despedirmos reverberou o desejo de querer mais, as crianças queriam mais tempo na praça e os/as acadêmicos/as também, o ônibus já nos aguardava e as brincadeiras insistiam em prosseguir, algo que corrobora o entendimento de que este encontro mobiliza o investimento pessoal, porque faz sentido.

Propostas educativas realizadas na escola com a contribuição da família

Além das vivências – aulas de campo – realizadas fora da escola ou organizadas enquanto eventos efetivos do projeto, conseguimos transformar nosso planejamento e tocadas por tudo que estávamos estudando e produzindo passamos a envolver, na medida do possível, as famílias em propostas educativas do cotidiano escolar. Neste sentido, algumas atividades de pesquisas

a respeito dos conteúdos de aula foram realizadas com as famílias, neste quesito eram as crianças às responsáveis pela mobilização em suas casas. Em outras investidas, as famílias foram convidadas a prestigiarem apresentações de ginástica artística, ginástica rítmica e ginástica circense.

Diante disso, destacamos o quanto este projeto tem transformado nossa docência e o ambiente escolar do qual fazemos parte, uma vez que há um movimento de contracultura no qual buscamos ocupar ambientes extraescolares e também de aproximação e/ou inserção da comunidade extraescolar para dentro dos muros da instituição educativa. Isso porquê acreditamos vivamente que a educação se faz coletivamente, pois é de responsabilidade social e não apenas escolar, por isso implica sensibilização comUnitária. Logicamente, nosso projeto não se encerra nestas linhas e por esse motivo não há um tópico para conclusões, uma vez que se trata de um início cujas narrativas se tornam os veios imponentes de reverberação.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1985, p. 37).

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação Rumo à sociedade aprendente**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura – volume 1. Série Obras escolhidas. Tradução de: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CAMARGO, Michaela. **O Encantamento pela docência na Educação Infantil**: um estudo com acadêmicos de Educação Física do PIBID/CAPES-UFPR. 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes. Médicas, 2000.

DI GIORGI, Flávio Vespasiano. Benjamin e a Militância da Memória. In: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2 ed. Tradução de: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS : Artes Médicas, 1993.

Novaes, Maria Helena. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Nau, 1997.

NUSSBAUM, Martha Craven. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa de humanidades. Tradução de: Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.